

Paris, 9 Junho de 2006

### Da devoção e da divisão.

A devoção é normalmente um fenómeno sentimental e auto centrado, produzido por um defeito neurológico na consciência humana, constituído por toda espécie de dualidades, opostos, divisões e fragmentações, incluindo a mais monstruosa & medonha e notória & sórdida super fragmentação – a principal ilusão disfarçada, por toda a parte, como “Eu”. Este defeito neurológico não existia na originária espécie de macaco, *Hanuman*. Consequentemente, *Hanuman* foi escolhido pelos antigos sábios da humanidade como uma representação perfeita do fenómeno da verdadeira devoção, a qual também é divindade. A afirmação bíblica de que “Deus criou o homem à sua imagem”, é uma mentira maravilhosa, pia e popular, gratificando uma mente estúpida, alimentando as suas pretensões e ego paradoxal. O homem supõe que ele é a melhor das espécies. Na verdade, ele é a mais sórdida das espécies. É a única espécie, que explora e mata a sua própria espécie, aos milhões, ao longo da história da humanidade. O “Deus” bíblico é a derradeira súplica por segurança, é medo da insegurança e a concomitante necessidade de dependência no sistema de crenças infantil, da promoção de milagres, visões e alucinações.

Esta é, com certeza, a situação do “Deus” de cada religião, seita, culto, Avatar, Mestre, Paramahansa, Papa, Giri ou Guru com os seus peculiares e impressionantes trajés, símbolos, estilos de barba & cabelo, títulos e por aí fora. Tudo isto é mente. Deus é vida e está em cada pulsar da vida. Ele não é um produto ou um postulado da mente. Um animal, um macaco, também é Deus! Porque não? Ultimamente, o puja Hanuman está a ser feito nos Retiros. Tal aconteceu na Bulgária, Espanha, Portugal e Inglaterra. Em Inglaterra foi pedido a um intelectual, erudito, e sensível, um *Ph.D.*, *Philosophy Doctor*, (Doutor, último grau académico) que representasse *Hanuman*, em cima de um Altar, e o puja foi celebrado pelo padre (Shibendu) e todos os demais participantes no Retiro. Devido à sua capacidade de comunicação, solicitou-se-lhe que escrevesse o que tinha acontecido quando o seu corpo estava em estado de *Hanuman*. Ele revelou que havia somente um subtil observador ou um total estado de sem-experiência, apesar de estar completamente acordado! Mesmo assim, ele iria tentar colocar em palavras todo aquele fenómeno, na medida do possível.

Aqui está o que ele escreveu, depois de muita persuasão:

*“Puja Hanuman, Devon, UK, 13 de Maio 2006.*

*Guruji apontou para a pequena e colorida imagem de Hanuman. Estudei a pose de Hanuman. Uma mão aberta repousava sobre a coxa da perna esquerda, em genuflexão, a outra mão estava levantada, em gesto de saudação, em cima do joelho direito, elevado. Subi para o improvisado altar e o meu corpo, sem esforço, adoptou o mudra (a posição) de Hanuman. Os meus músculos relaxaram profundamente. Os meus olhos fecharam-se. Krishna Das começou a cantar nos meus ouvidos.*

*Antes da mente se aperceber do que se estava a passar, foi-se. Explodiu, foi projectada para fora. Havia a consciência do Guruji cantando e fazendo o puja em frente de Hanuman. Mas esta consciência de ir adiante e à volta do que estava a acontecer ao redor do corpo ocorreu em conjunto com uma coisa vasta. Uma consciência que era expansiva, profunda e vazia.*

*Mais tarde, Guruji recordou-nos a história de Hanuman que se transformou em vento para transportar a encosta da montanha para Lanka. Então, constatei que havia uma palavra para descrever um pouco como essa consciência sentia.*

*A minha consciência tinha-se transformado em vento, estava em todos os lugares ao mesmo tempo, movendo-se e expandindo-se. Era uma enorme consciência cuja novidade nunca parava de se expandir. Somente três vezes, durante os vinte e tal minutos seguintes a minha consciência se identificou com o meu corpo. A primeira vez, foi quando o Guruji acabou o seu puja e tocou os pés de Hanuman. Embora a minha atenção tivesse sido trazida ao meu corpo, eu já não sabia o nome desse corpo. Estava esvaziado.*

*Por um instante fiquei confuso, tentando recordar-me. Mas a alegria de ser vento era tal que a incapacidade para dizer o nome do corpo não importava. Eu continuava a expandir.*

*De novo, um pouco mais tarde, quando a minha filha, bebé, tocou os pés de Hanuman, a minha atenção regressou ao meu corpo. Não me foi possível encontrar nenhum nome, somente amor, a seguir, vento, de novo.*

*A terceira vez, ao ouvir alguns kriyabans cantar muito lindamente, trouxe a minha atenção de regresso à sala. Desta vez, uma efémera memória do meu nome lampejou na minha consciência. E desapareceu. Projectada, de novo, em vento.*

*Assim que o puja acabou, Guruji chamou-me para sair da mesa. O meu corpo não se moveu. Uma energia calma proveniente da passividade total tinha-lhe permitido permanecer assim, sem esforço. Sem qualquer fadiga ou desconforto. À medida que me levantava da mesa, só tinha sensibilidade suficiente numa perna, para me mover, e colapsei aos pés de Guruji. Ele deu-me palmadas nas costas, vigorosamente.*

*Quando me deitei na cama, antes de dormir, nessa noite, revi o dia na minha consciência. Hanuman regressou. A consciência pairava, o vento voltou de novo.*

*Quando reemergi do vento, a mente começou a tentar pensar acerca disso, como um experiência que eu tinha tido. Mas faltavam-me as palavras e as comparações. Eu nem sequer conseguia pensar nelas. Só me conseguia rir da minha própria estupidez por querer verbalizar uma coisa tão infinita e insondável”.*

BOLO BAJRANG-BALI  
HANUMANJI KI JAI